

7/7/1985

Eduardo Suplicy, o Matarazzo no PT, busca voto na periferia

Luiz Maciel Filho

São Paulo — Considerado ainda um coadjuvante na disputa pela Prefeitura de São Paulo — onde despontam como favoritos o ex-Presidente Jânio Quadros, do PTB, e o Senador Fernando Henrique Cardoso, do PMDB — o Deputado federal Eduardo Matarazzo Suplicy, 44 anos, candidato do Partido dos Trabalhadores, pretende surpreender. De temperamento tímido, voz de timbre baixo, ele se atirou a um curso de oratória, vai a praças públicas, improvisa comícios e até madruga nos pontos de ônibus da periferia.

Confia na conquista do eleitorado através dos programas de televisão, do trabalho voluntário dos militantes do PT, e da sua inesgotável paciência para conversar com as pessoas, nas praças, nos pontos de ônibus — ou qualquer local para onde for convidado.

Essa paciência já permitiu a Suplicy o que parecia impossível para muita gente na fundação do PT, cinco anos atrás: a sua efetiva inscrição no partido, vencendo as resistências de alguns setores contra o seu nome — ou sobrenome — identificado com um império industrial paulista, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.

Eduardo Matarazzo Suplicy é, de fato, descendente direto do Conde Francisco Matarazzo, o fundador do império de indústrias. Seu avô Andrea, o segundo mais velho dos 13 filhos do Conde, chegou a ser preterido na transferência do controle familiar do grupo: com a morte de Ermelino, o filho mais velho, Francisco Matarazzo elegeu para sucedê-lo justamente o caçula, Chiquinho, pai de Maria Pia Matarazzo, atual administradora do conglomerado de empresas.

Nome de consenso

Alheio às preocupações com a sucessão dentro do clã Matarazzo, Suplicy preparou-se pra uma brilhante carreira como professor universitário e, através dela, chegou à política. Doutor em Economia pela Universidade de Michigan, Estados Unidos, Suplicy era professor titular e chefe do Departamento de Planejamento e Análise Econômica da escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, quando decidiu disputar seu primeiro mandato, de deputado estadual pelo então MDB, em 1978.

Com a reforma partidária, foi fundar o PT convicto de que era o melhor partido para defender as suas idéias. Na época, até sua mulher, a sexóloga Marta Suplicy, duvidava que ele pudesse se adaptar tão bem ao partido.

Para um partido que tem no município de São Paulo a sua base mais forte e se vinha preparando para disputar a Prefeitura com pelo menos cinco pretendentes — a Deputada federal Irma Passoni, o jurista Hélio Bicudo, a Vereadora Luiza Erundina e o suplente de Deputado Plínio de Arruda Sampaio, além do próprio Suplicy — a escolha do candidato ocorreu de maneira bastante tranqüila. "Nos debates nos diretórios o meu nome surgiu como o preferido das bases e os companheiros que disputavam a indicação resolveram apoiar-se mesmo antes da convenção do partido, marcada para os dias 19, 20 e 21 deste mês. Por isso, a prévia que eu havia proposto tornou-se desnecessária" — explica Suplicy.

O candidato do PT à Prefeitura de São Paulo alcançou essa unanimidade dentro do partido sem mudar nenhum dos seus hábitos tipicamente burgueses. Sua elegante residência no Jardim Europa, bairro aristocrático de São Paulo, não impressiona mais nenhum militante petista, tantas foram as reuniões políticas realizadas ali.

— Claro que quem vem aqui pela primeira vez se surpreende um pouco. Foi assim, recentemente, com o José de Fátima, líder dos bóias-frias de Guariba, que veio almoçar conosco. Mas eles logo se acostumam e ficam à vontade — diz Marta. Ela lembra que uma das primeiras reuniões do partido foi feita ali e todos comeram e beberam do melhor, porque ela achou que seria artificial servir para os companheiros do PT "uma coisa mais simples".

Chegou a ser engraçado: havia uísque e vodca importados nas bandejas, mas os convidados insistiam em pedir pinga — que não existia na casa. Depois disso, nunca mais faltou cachaça na residência dos Suplicy.

Esquerda chique

Para disputar a sua primeira eleição majoritária, o Deputado Eduardo Matarazzo Suplicy — cujos dois mandatos foram conquistados com os votos da "esquerda rica e cheque" — sabe que precisa do apoio das faixas mais pobres da população, tanto quanto os concorrentes, mas procura conquistá-las com um persistente programa de visitas à periferia, onde ouve e anota atentamente a lista interminável de problemas dos moradores.

Suplicy também sai à rua para um contato direto com o povo. Há uma semana, começou a frequentar a barraca do PT no centro da cidade, onde passam diariamente cerca de 2 milhões de pedestres, e puxar conversa com a população.

Chega invariavelmente incógnito, com um punhado de livros de sua autoria para distribuir, e vai aos poucos vencendo a timidez, até assumir um tom palanqueiro.

Da primeira vez, os plaqueiros (homens que seguram placas com propaganda em troca de um cachê) da praça Ramos estranharam a sua presença: "O que um homem rico desses vem fazer na barraca do PT?", perguntou um deles.

Mas logo Suplicy passou a fazer parte do cenário, atraindo para o seu discurso uma pequena multidão. "O senhor é um homem honesto?", pergunta-lhe um eleitor. "É o que procuro ser o tempo todo", responde um Suplicy surpreso. "Assim não serve: honesto a gente é ou não é", insiste o outro. "Pois sou", define o candidato, que então é puxado para um abraço.

Incentivado por militantes do PT, sobe num banco e começa a falar sobre os problemas da cidade, sendo interrompido por pedidos de emprego, que ele afasta com delicadeza. "Sou contra as nomeações políticas, não é assim que resolvemos o desemprego", afirma.

O candidato do PT tem se submetido ainda a viagens de ônibus para a periferia, nos horários de maior movimento. A primeira experiência foi na última terça-feira, às 6h da manhã, num ponto da distante Vila Diva. Suplicy destoava com seu elegante blazer azul-escuro e teve sorte de encontrar um lugar vago. Mas a viagem foi curta para o volume de reclamações que recolheu.

— São Paulo tem 55% dos seus 10 milhões de habitantes vivendo em favelas, cortiços ou construções irregulares. E para essas pessoas que precisamos dar prioridade, abrindo postos de saúde e creches, urbanizando as áreas carentes e criando um programa de alfabetização em massa — defende Suplicy.

Planos e orçamento

Como economista, ele sabe que o orçamento do município para este ano, de Cr\$ 4 trilhões 430 bilhões (podendo chegar a Cr\$ 7 trilhões, já que foi projetado para uma inflação de 130%), embora seja maior que os da maioria dos estados brasileiros, oferece uma margem para investimentos de apenas 10% — que corresponde exatamente ao déficit coberto com

empréstimos extensos. Mas Suplicy se recusa a admitir que isso torne os prefeitos muito parecidos uns com os outros.

— De 1979 para cá, em apenas duas gestões, a prefeitura dobrou o número de servidores de 55 mil para 110 mil. Sabemos que esse aumento de funcionários não foi acompanhado por uma melhoria correspondente na prestação dos serviços públicos e compromete boa parte do orçamento. A nossa idéia é remanejar esses funcionários, de maneira que todos passem a ter uma função relevante — afirma Suplicy.

Entre as funções que criaria está, por exemplo, a de médico visitador, que levaria às favelas um atendimento elementar de saúde e noções de higiene.

(Página 5)